



## PRODUÇÃO ESCRITA EM INGLÊS/LE: o estranho em jogo com o materno

Maria Aldenora Cabral de Araújo<sup>1</sup>

### 1 INTRODUÇÃO

Neste artigo apresento algumas reflexões teóricas da pesquisa de doutorado que inicio e que tem como foco a inscrição entre línguas do sujeito-autor/aprendiz na escrita em uma língua estrangeira. Neste caso, recorto e considero, para esse artigo, o jogo que se estabelece entre a LM e a LE<sup>2</sup> pela via do duplo sentido: o estranho familiar e o familiar estranho. Nesta relação de duplicidade, um lugar outro, dizeres outros e sentidos outros se formam – em um movimento da escritura que se faz na inclusão do um, do múltiplo, do mesmo e do diferente – pelo que parece ser um processo de subjetivação do sujeito-autor/aprendiz em *língua-outra-mesma-materna-estrangeira*, submetida às forças da ideologia, da história e do inconsciente.

Processo esse que não é tema de discussão teórica por parte de muitas teorias de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira que trabalham com a concepção de um sujeito cartesiano, consciente, a-histórico, ou, então, que trabalham o imbricamento entre o materno e o estrangeiro pelo viés de uma interlíngua. Desse modo, tendo a premissa de que há o assujeitamento ideológico que situa o sujeito e que impõe/dissimula para ele esta situação (PÊCHEUX; FUCHS; 1997), é relevante dizer que, para esse estudo, os complexos fios do processo de identificação que determinam o lugar discursivo do sujeito, nessa língua-outra, não sugerem uma ideia de unidade, de estabilidade do dizer, mas servem para designar a singularidade histórica pela qual o sujeito inconscientemente engendra a sua fala na do outro e, por consequência, desloca outros modos de fazer sentidos em uma língua estrangeira. Sentidos esses que sempre são inscritos em formações discursivas determinadas e que se representam de várias maneiras abertos, ou seja, todo dizer

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, no Grupo de Pesquisa de Linguagem, Tecnologia e Ensino ([maca.duda@ig.com.br](mailto:maca.duda@ig.com.br)).

<sup>2</sup> Esse estudo mobiliza língua portuguesa como língua materna e língua inglesa como língua estrangeira.

(imaginário do um sentido) tem em sua singularidade um não-dizer (real do não-sentido).

Por essa dimensão de incompletude dos sentidos, interrogar o familiar e o estranho remete sempre ao caráter da origem da língua, enquanto acontecimento histórico de um ser tomado pela LM por um processo de aquisição e estar capturado pela LE por um processo de aprendizagem. Neste sentido, a língua só passa a ter sentido enquanto intervenção histórica, enquanto mobilizações inconscientes e enquanto atualizações simbólicas e imaginárias que incidem na subjetividade e, por consequência, em novas formulações, hipóteses, falhas, transferências, equívocos.

Pensado desse modo, o vínculo que o sujeito estabelece com a língua está ligado à noção de língua enquanto movimentos de desconstrução de uma não-origem, de um língua construída em cima de traços que, ao mesmo tempo que anuncia um já-lá, evoca o movimento da diferença, impedindo o seu fechamento absoluto, o seu devir realizado. Essa é a ideia de Derrida quando diz que os traços mostram “(...) que a origem nem ao menos desapareceu, que ela não foi constituída senão em contrapartida por uma não-origem, o rastro que se torna, assim, a origem da origem” (DERRIDA, 1967, p. 90).

Por esse viés, na língua não existe um espaço propriamente único ao que se denomina materno ou estrangeiro, pois o processo de identificação ocorre por um imbricamento, por um jogo discursivo do que se dá de fora para dentro, do outro para o eu, e sempre deixa recalques no inconsciente, marcas que, nas palavras de Souza (1998, p. 155), revela que “o estrangeiro é o eu. O eu, não tomado como quer o senso comum – unitário, coerente, idêntico a si mesmo –, mas o eu pensado em sua condição paradoxal – dividido, discordante, diferente de si mesmo (...)”.

## **2 O PROCESSO DE ESCRITA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA**

As questões acerca do processo de produção escrita de textos, no âmbito da sala de aula, parecem, no momento, ocupar um espaço definitivamente legitimado na Análise do Discurso e na Psicanálise. Basta lembrar que a legitimidade é dada pela compreensão de que também nesse processo funciona o gesto de interpretação de

escritura do sujeito que, afetado pela historicidade e pela ideologia, recupera, no interdiscurso, alguns dizeres e não outros para incorporar ao fio de seu discurso.

Isso aceito, podemos dizer que, nas operações de recortar, de deslocar dizeres, o sujeito, ao textualizar o que, para ele, aparece como sendo a interpretação, na posição-autor, diante da dispersão do já-dito, coloca-se frente às relações de confronto, de divergência, de diferença ou de aproximação com diferentes dizeres, sentidos, historicidades, configurando seu texto de acordo com os saberes da posição-sujeito em que se inscreve, ainda que disso não se aperceba.

Para sustentar essa discussão sobre o processo da escrita de textos, em especial sobre aqueles produzidos no ensino universitário, partimos do pressuposto de que se, para a Análise do Discurso, sujeito e sentido se constituem mutuamente e esse processo é histórico, para o ponto de vista da Psicanálise, considerando a hipótese lacaniana, inconsciente e significante também se representam como processo constitutivo e ideológico. É importante destacar que não se trata de buscar uma possível complementação entre duas perspectivas teóricas, mas sim de fazer trabalhar, em cada uma a seu modo, as formas de inscrição da subjetividade na escrita em inglês que, nas palavras de Pêcheux, é expor a

ação estratégica de um sujeito (tais como **a relação discursiva** entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados, com **o efeito do interdiscurso** induzido nesse regime, **sob a forma do não dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do Outro**) (grifos meu) (PÉCHEUX, 1998, p. 53).

A proposta é, então, termos o múltiplo e o contraditório constitutivos dos processos de significação e do sujeito, por mais que se tenha a imagem ilusória da unidade, do mesmo, e da literalidade dos sentidos. E a Análise do Discurso e a Psicanálise trabalham com essa margem de contradição constitutiva dos sujeitos e dos sentidos, da historicidade, do equívoco que se instaura e faz falhar a vontade de unidade e de transparência dos sentidos, porque estas teorias incorporam o real em suas análises do simbólico e do imaginário a partir de uma releitura do efeito subversivo causado por Marx-Freud-Saussure nas ciências humanas e sociais.

Pensado dessa forma, discutimos que o sujeito, ao pôr em funcionamento o seu dizer, inscreve na língua estrangeira uma escritura de si, uma inscrição como forma

de individualização que guarda em si a ambiguidade e o equívoco, que mantém a tensa relação entre o dentro e o fora, entre o materno (corpo do sujeito) e o estranho (corpo social). Afinal, que escrita é essa que mantém uma relação tensa entre o mesmo e o diferente? Qual a relação entre LM e LE na produção escrita do sujeito-aprendiz? O que fica interdito para esse sujeito nessa relação? Como se organizam e marcam-se os imbricamentos entre o materno e o estrangeiro em uma escrita que é puro movimento?

Sobre esses questionamentos, as reflexões em andamento, nessa pesquisa, caminham para a inclusão das diferenças que, retomando a citação anterior de Pêcheux (1998), investe-se nos movimentos de errância identitária do 'discurso outro' (materno), do 'discurso do Outro' (estrangeiro) e do 'discurso de um outro' (língua outra), agora sem as fronteiras de uma idealizada pureza originária de raízes, de uma identidade originária ou de redes de relações estáveis num dado espaço.

Nesses movimentos de errância identitária da escritura da língua, partimos da hipótese de que o fenômeno de escrever numa outra língua, que não a língua materna, parece ser, fazendo uma referência a Pêcheux (2009, p. 142), aqui uma questão de estranheza ou familiaridade da/na língua, o "estranhamento familiar" (situado em outro lugar) e o "familiarmente estranho" (o acidental), que dizem respeito diretamente à relação sujeito-e-inscrição no simbólico, relação fundamental na tessitura da produção escrita em inglês em que a língua aparece, nesse contexto, como suporte e objeto de uma lei que autoriza e interdita as formas do dizer e cria, desse modo, os lugares de legitimidade das identificações e, conseqüentemente, das identidades. Segundo Pêcheux (2009, p. 150), "essa identificação, fundadora da unidade imaginária do sujeito, apoia-se no fato de que elementos do interdiscurso [...] que constituem, no discurso do sujeito, 'os traços daquilo que o determina', são re-inscritos no discurso do próprio sujeito". Nesse caso, podemos dizer que a produção escrita em inglês/LE é um deslocamento de discursividades que levam o sujeito de um desarranjo subjetivo, o da língua materna, para outro, o da LE.

### 3 METODOLOGIA

Para a constatação de como os traços da identificação imaginária dos saberes da LM engendra o funcionamento discursivo do sujeito-aprendiz em um processo de escrita em língua estrangeira, selecionamos três recortes discursivos extraídos dos textos produzidos, em 2009, por aprendizes de inglês/LE da Graduação de Letras de duas instituições superiores, em Recife: a Universidade Federal de Pernambuco e a Faculdade São Miguel. A escolha destes recortes como objeto de estudo é justamente por eles apresentarem determinadas regularidades de operadores discursivos que se apresentam estranhamente sobreusados, isto é, expressão com dois ou mais operadores; e sobrecarregados semanticamente. O ponto de reflexão, neste caso, é discutir e formular o que parece ser a prática discursiva de intervenções e de imbricamentos da LM no processo escritural do aluno em LE, submetido às forças do estranho familiar e do familiar estranho.

### 4 O ESTRANHO EM JOGO DISCURSIVO COM O MATERNO: pontos de reflexões e análises

Quando dizemos "Como se diz/fala ... em inglês?" (o "eu" do teatro da consciência), ou então quando empregamos a tradução de dizeres da LM para a LE (o "eu" do cenário teatral desta consciência), o fazemos submetidos às leis do inconsciente, às leis históricas e ideológicas que nos permitem fazer uso de uma língua e que, simultaneamente, nos colocam frente a esse vazio, a esse hiato, a esse desvio que interdita e habita a língua. Entretanto, nesse mesmo espaço, de uso e apagamento dos dizeres, há uma relação de tensão familiar-estranho que constrói sentidos móveis e que torna possível o deslocamento de dizeres do sujeito identificado com uma formação discursiva..

Para compreender esses pontos de articulação entre o familiar e o estranho, vejamos a seguir duas sequências discursivas (SD):

**SD1:** **And, however, the fact that** some people keep-up any resentment for the species that killed, hurt their friends and relative. **The fact is that** sharks are only doing what comes from natural for them: kill for survival, in self protection.

**SD2:** It is impossible to deny that some developed countries [...] have already reduced the statistics related to deaths from

guns. **That is may be why so many** people believe in the relation: tougher Laws are lower number of deaths.

Ao analisar os operadores da sequência acima, observamos duas práticas discursivas de escrita em LE. A primeira é que os operadores da LM são transferidos, em uma espécie de paráfrase, para a LE de tal forma que os operadores nesta língua são sobreusados e reduzidos ao mesmo da LM. A segunda prática é que há uma sobrecarga semântica e uma equivalência de sentidos entre os operadores do materno e do estrangeiro porque a LM opera na LE pelo imaginário de que há na relação palavra-por-palavra um familiar e possível sentido único.

Partimos da hipótese que, nessas duas práticas, parece haver um processo de interdição entre línguas que passa pelo materno. Assim, a LM, por ser a primeira a marcar a singularidade do sujeito e a possibilitar o Outro, interdita os dizeres que não traz em si essa marca, essa ordem com o real do materno. Conseqüentemente, a LE passa a ser um recorte de significações desprovidas de sentidos, um recalque do materno.

Através dos dizeres de Freud é possível encontrar um caminho que corrobora o que foi exposto. Neste caso, a interdição se dá porque o estrangeiro

[...] se decompõe para o eu em uma arte 'prazer', que é incorporada, e em um resto que permanece estrangeiro. O eu extrai de si próprio uma parte integrante que joga no mundo exterior e vivencia como hostil. Após essa nova redistribuição, as duas polaridades se reconstróem: de um lado um eu-sujeito identificado com o prazer e, do outro, um mundo exterior identificado com o desprazer (FREUD, *apud* KOLTAL, 2000, p. 84).

O fio condutor deste texto dá a entender que a interdição aponta para uma relação de desconstrução entre o *eu-estrangeiro* e o *estrangeiro ao eu*. Enquanto esta envolve tudo aquilo que deveria permanecer invisível, não latente, aquela implica a representação do *eu* que pode ser reencontrado na realidade, atestado na origem. Vejamos essa desconstrução, no quadro 1, tomando como base as sequência discursivas 1 e 2 acima:

**QUADRO 1: Relação de desconstrução entre o estranho-familiar e o familiar-estranho na SD1 e na SD2**

Formulação em LE por aprendizagem	Efeito de sentido em LM na relação entre o eu-estrangeiro (estranho-familiar)	Efeito de sentido em LE na relação entre o estrangeiro ao eu (familiar-estranho)
SD1: <b>And, however, the fact that</b> some people keep-up any resentment for the species that killed, hurt their friends and relative. <b>The fact is that</b> sharks are only doing what comes from natural for them: kill for survival, in self protection.	<b>E, contudo, o fato de</b> algumas pessoas manterem ressentimentos pelas espécies que mataram e feriram seus amigos e parente. <b>O fato é que</b> os tubarões estão somente fazendo o que é natural para eles: matar para sobreviver e se proteger.	<b>Mesmo que (even if)</b> algumas pessoas mantenham ressentimentos (...). <b>Contudo (however),</b> os tubarões estão somente fazendo o que é natural para eles: matar para sobreviver e se proteger.
SD2: It is impossible to deny that some developed countries [...] have already reduced the statistics related to deaths from guns. <b>That is may be why so many</b> people believe in the relation: tougher Laws are lower number of deaths.	[...] Alguns países desenvolvidos reduziram as estatísticas de morte por armas de fogo. <b>Isso pode ser porque muitas</b> pessoas acreditam na relação: leis mais duras implicam baixos índices de mortes.	[...] Alguns países desenvolvidos reduziram as estatísticas de morte por armas de fogo. <b>É por isso que tantas (That is why so many)</b> pessoas acreditam na relação: leis mais duras implicam baixos índices de mortes.

Ao recorrer à leitura da citação abaixo de Freud, o qual assimila os hóspedes estrangeiros aos dizeres vetados que insistam em se fazerem presente no *eu estrangeiro*, formulamos para a explicação dessa imagem dupla de que o eu familiar encontra limites no interior de sua própria casa pela noção de *estrangeiro ao eu*, como assim lembra o teórico:

Esses hóspedes estrangeiros parecem ter mais poder que os que estão submetidos ao eu, resistem por todos os meios à vontade, não se deixam desmontar pela refutação lógica e permanecem impermeáveis aos enunciados contrários à realidade (...) ou então sobrevivem impulsos que parecem os de um estrangeiro a ponto de o ego negá-los (...) de dizer que se trata de uma invasão estrangeira e aumentar sua vigilância (FREUD, *apud* KOLTAL, 2000, p. 85).

Comparando as regularidades apresentadas acima, por exemplo, o do operador da SD2 (That is may be why so many), o que Freud nos faz refletir e formular, é que a LM, por limitar o estrangeiro ao que está fora de sua filiação histórica, permite também que os dizeres da LE (That is why/so many) – por também fazerem parte da constituição subjetiva do sujeito – insistam em se fazerem presentes nesta filiação na forma de falhas, equívocos, quebrando e resistindo, dessa forma, “a ilusão de que existe um ponto de vista único sobre as coisas, (...) de uma possível tradução termo a termo, de uma adequação da palavra à coisa” (REVUZ, 1998, p. 223) e, até

mesmo, de que haja apenas uma identidade na língua ou de que o estrangeiro seja completamente o eu do materno. Isso é possível de ser observado quando reconstruímos que, se por um lado, para a LM, o efeito ocorre porque há a crença de que Leis mais duras diminuem as mortes por armas; por outro lado, para a LE, o efeito acontece ao contrário, isto é, a redução das estatísticas de mortes levam as pessoas a acreditarem na efetividade de leis mais duras.

Se nem tudo parece ser da ordem do efeito da LM sobre a LE, então o que determina a produção escrita na LE? Ou qual a relação que a LE estabelece com a LM para que esta dê o efeito indistintamente do familiar e do estranho na LE?

Para construir melhor essas questões, colocamos em cena a terceira sequência discursiva:

**SD3:** “Light” or “ultra-light” cigarettes are just as harmful to your health as the common ones. **That is why** people increase their consumption, believing that these kinds of cigarettes have the lowest quantities of dangerous substances.

Chamou-nos a atenção, no intradiscurso<sup>3</sup> dessa SD, que a regularidade do operador “That is why” insistia em trazer algo estranho, um não dito (é por isso que – na LE) que faz objeção ao todo, à singularidade do familiar, enfim, que se contrapõe à ordem dominante do materno (isso é porque). Para representar essa regularidade, recorramos ao processo de desconstrução realizado no quadro 2:

**QUADRO 2: Relação de desconstrução entre o estranho-familiar e o familiar-estranho na SD3**

Formulação em LE por aprendizagem	Efeito de sentido em LM na relação entre o eu-estrangeiro (estranho-familiar)	Efeito de sentido em LE na relação entre o estrangeiro ao eu (familiar-estranho)
<b>SD3:</b> “Light” or “ultra-light” cigarettes are just as harmful to your health as the common ones. <b>That is why</b> people increase their consumption, believing that these kinds of cigarettes have the lowest quantities of dangerous substances.	Cigarros “light” ou “ultra-light” são tão perigosos para sua saúde quanto os comuns. <b>Isso é porque</b> as pessoas aumentam seu consumo, acreditando que estes tipos de cigarros têm as mais baixas quantidades de substâncias tóxicas.	Cigarros “light” ou “ultra-light” são tão perigosos para sua saúde quanto os comuns. <b>É por isso que</b> as pessoas aumentam seu consumo, acreditando que estes tipos de cigarros têm as mais baixas quantidades de substâncias tóxicas.

<sup>3</sup> O intradiscurso, segundo Pêcheux (2009, p. 153) pode ser pensado como “o funcionamento do discurso com relação a si mesmo”, ou seja, a relação do que é dito agora com o que foi dito antes e o que será dito depois. O intradiscurso, desse modo, é uma linha horizontal na qual é construído o fio discursivo do sujeito.

Três proposições, de maneira imbricada, são levantadas para entender o fenômeno da regularidade observada. A primeira proposição é a identificação como processo especular que transforma algo externo em algo interno. Seguindo os passos de Lacan, essa experiência especular se inscreve no inconsciente na forma intrincada de uma identificação imaginária e de uma identificação simbólica. Neste caso, de um lado, há a relação imaginária, que diz respeito à visualização do Estranho como Familiar, que é uma relação de exclusão, fundamentada na imagem de singularidade termo a termo do sentido, na negação dos dizeres do estrangeiro pelo que já está inscrito no materno. E, há, por outro lado, a relação simbólica que se refere à subjetivação do sujeito por meio dos significantes, cujos traços sucessivos marcam o duplo, isto é, a história da constituição subjetiva do sujeito entre a Língua materna e a Língua Estrangeira. Neste caso, o duplo tem existência porque a identificação do sujeito com as imagens dos significantes, como um recalque estranhamente familiar, permite que o Estranho rompa como um não-dito, um não-familiar no tecido das imagens, dos dizeres, dos sentidos, impondo, dessa forma, ao sujeito uma nova escrita de si, (de)formada pelas singularidades de cada língua.

Por essas formulações, levantamos a segunda proposição de que a língua estrangeira e a língua materna inscrevem-se em filiações sócio-históricas diferentes porque a ideologia intervém com seu efeito ilusório de funcionamento imaginário na subjetivação do sujeito-aprendiz e na produção de sentidos em LE. “É o ‘acontecimento’ do objeto simbólico que nos afeta como sujeitos, algo do mundo tem de ressoar no ‘teatro da consciência’ do sujeito para que faça sentido”, afirma Orlandi (2012). Por essa ótica, podemos compreender, como tratam Gadet e Pêcheux, na citação abaixo, que é a interdiscursividade que faz a língua falar, de modo que o ‘eu da LM’ não é o ‘eu da LE’.

O real da língua não é costurado nas suas margens como uma língua lógica: ele é cortado por falhas, atestadas pela existência do lapso, do Witz e das séries associativas que o desestratificam sem apagá-lo. O não-idêntico que aí se manifesta pressupõe a alíngua, enquanto lugar em que se realiza o retorno do idêntico sob outras formas; a repetição do significante na alíngua não coincide com o espaço do repetível e que é próprio à língua, mas ela o fundamenta e, com ele, o equívoco que afeta esse espaço: o que faz com que, em toda língua, um segmento possa ser ao mesmo tempo ele mesmo e um outro, através da homofonia, da homossemia, da metáfora, dos deslizamentos do lapso e do jogo de palavras, e do bom relacionamento entre os efeitos discursivos (GADET; PÊCHEUX, 2004, p. 55).

Sendo assim, trabalhamos com a hipótese de que, na produção escrita em inglês, o 'eu da LM' é a figuração da lalange/alíngua como um efeito para expulsar o estranho, ou seja, o efeito do deslocamento, do deslizamento do que já está inscrito na fala do materno sobre o Outro, este estrangeiro. Por outro lado, o 'eu da LE' é o efeito da reconfiguração dos sentidos em um 'eu' que já é efeito da LM, isto é, a luta dos efeitos dos sentidos do estrangeiro para se tornar visível, familiar ao materno. Nesse sentido, tudo aquilo que rompe as malhas do discurso escrito em inglês (neste caso, as transferências, os equívocos em torno das regularidades dos operadores discursivos) escapa ao calculável, à ordem própria da língua e se torna língua-outra. Nesse sentido, corrobora Revuz quando diz que:

[...] se o encontro com a língua estrangeira provoca efeitos – com os quais o sujeito é o primeiro a surpreender-se – é que ela não é pura reprodução, nem pura descoberta de um alhures, mas jogo complexo de similitudes e afastamentos no qual a relação com a língua materna acha-se precisamente reposta em jogo (REVUZ, *apud* PEREIRA DE CASTRO, 1998, p. 256).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizadas essas reflexões teóricas, é importante enfatizar que não foi pretensão deste estudo dar respostas fechadas a respeito das identificações subjetivas do aprendiz na escritura em LE, principalmente, porque elas ainda estão sendo pensadas e trabalhadas no doutorado. Ao contrário, a expectativa é que este estudo represente formas de se analisar e de levantar hipóteses sobre a problemática da pluralidade interna de uma língua, de modo que possamos questionar o significado de colocar-se em uma língua estrangeira ou, então, o modo como o Outro lhe causa estranhamento e desestabilidade. E o caminho possível a estes questionamentos se dá sempre por uma junção ideológica entre o real (o que resiste à simbolização, o que está excluído do sentido, determinação exterior que se interioriza) e o simbolizado (a realidade observável, o sentido que aparece como um já-lá).

## REFERÊNCIAS

CELADA, M. T. Um equívoco histórico. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999, p. 301-320.

CORACINI, Maria José. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade de línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

DERRIDA, Jacques. **De la grammatologie**. Paris: Minuit, 1967.

GADET, Françoise. PÊCHEUX, Michel. **A Língua inatingível**. Trad.: Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas, SP: Pontes, 2004.

KOLTAI, Caterina. **Política e psicanálise**: o estrangeiro. São Paulo: Escuta, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise**: sujeito, sentido e ideologia. Campinas, SP: Pontes, 2012.

\_\_\_\_\_. **A questão do assujeitamento**: um caso de determinação histórica. Comciência. Disponível em: <http://www.comciencia.br/handler.php?section=8&edicao=26&id=296>> Acesso em: 3 jun. 2012.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad.: Eni Puccinelli Orland. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009.

\_\_\_\_\_. Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso. Trad.: Ana Maria Dischinger e Heloísa Monteiro Rosário. **Cadernos de Tradução**. Instituto de Letras – UFRGS, n. 01, 2ª ed., nov. 1998.

\_\_\_\_\_; FUCHS, C. A Propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad.: Bethânia S. Mariani [et al.]. 3. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997, p. 163-253.

PEREIRA DE CASTRO, M. F. Língua Materna: palavra e silêncio na aquisição da Linguagem. In: JUNQUEIRA FILHO, L.C.U (org.). **Silêncios e Luzes**: sobre a experiência do vazio e da forma. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p. 247-257.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco de exílio. Trad.: Silvana Serrani-Infante. In: SIGNORINI, Inês (org.). **Lingua(gem) e Identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras, FAPESP, 1998. p. 213-230.

SOUZA, Neusa Santos. In: KOLTAI, Caterina (org.). **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta, FAPESP, 1998, p. 155-163.